

C. M. B. BIBLIOTECA

A VENCALCO

A OPINIÃO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

Direcção de MANOEL MARINHO

Tinha de sêr...

Leves observações ao «decreto de pacificação», suas anomalias e desigualdades. Reconhecimento ao valôr e meritos dos politicos

Sobre a situação dos presos e deportados politicos foi, ha dias, publicado um decreto com o qual se pretende dar-lhe certa regularização.

Abstraimo-nos, por momento, de apreciar quer a sua oportunidade quer as condições estipuladas nos seus artigos.

Unicamente anotamos as considerações que, em longo preambulo, servem de base justificativa á ideia que originou a promulgação de tal decreto.

Diz-se aí que é de necessidade tomar «as providencias adequadas, para regularizar, tanto quanto possível, a situação desigual e anomala em que se encontram varias personalidades...» e que não faz sentido, quando se procura dar á vida nacional uma nova fase de equilibrio moral e economico que «continuem inteiramente separados do serviço activo bastantes individualidades de valôr e prestimo reconhecidos, em cujos nobres espiritos não tem cessado, por certo, de florescer um vivo sentimento patriótico...»

Isto tinha de sêr; nós bem sabiamos que, mais dia menos dia, seriam os proprios homens da situação forçados a fazer justicas aos meritos, á honradez e ás nobres qualidades politicas dos devotados republicanos que, neste momento, sofrem as agruras dum injusto destino quando é certo que, a sua féno regimen e o seu incondicional amôr á Republica cada vez são maiores.

Na verdade não se compreende o criterio de desigualdade até aqui seguido que, emquanto, pelo mesmo delicto, punia a uns, dava a outros posições de condescendente complacencia. Quer dizer: sob pena igual e com base num acto de colectiva atitude de protesto contra qualquer emprestimo a contrair no estrangeiro, foram presos e castigados, com fixação de residencia nas nossas ilhas e colonias ultramarinas, os irreductiveis republicanos, tenente coronel João Tamagnini Barbosa, Antonio Maria da Silva, tenente coronel Victorino Guimarães, Dr. Oliveira representante do Partido Radical, general Sá Cardoso, tenente coronel Helder Ribeiro e major Cortéz dos

Santos. Pois a todos, menos aos três ultimos, ha muito, foi autorizado o seu regresso á metropole, sem qualquer outro procedimento e com todas as regalias condimentadas ás actuais imposições governativas.

Não podia, positivamente, deixar de causar estranheza esta dualidade de orientação, tanto mais não sendo estabelecida, para estes três republicanos qualquer outra formula processual de apuramento de responsabilidades, com materia adequada e punitiva applicavel.

Está, pois, reconhecido, pela doutrina do aludido decreto, que existem situações anômalas e desiguais que urge remediar.

Até aqui vai tambem o nosso acordo; cessa, todavia, quando o cumprimento e aceitação do decreto obriga, estes tres republicanos, a condições que não fôram marcadas nem exigidas aos seus restantes companheiros

(Continua na 2.ª página)

A FALENCIA FERROS

Julgamento adiado
Negociações de concordata

Uma vez mais foi adiado o julgamento desta causa que, ao que parece, e sem que isto signifique a mais leve ideia de censura, deveria ter tido já uma finalidade que a decidisse.

Afinal, segundo o resultado desta audiencia, o seu novo adiamento foi requerido com base num pedido de concordata entre falido e credores.

Isto dá-nos a entender—se as coisas forem a bom termo—que o seu desideratum vai acabar por onde devia ter principiado. Todavia, como as causas juridicas, quasi momento a momento, nos apresentam as mais extraordinarias surpresas, deixamos ainda um pouco de quarentena esta hipotese, não vá ela aparecer-nos completamente modificada na proxima audiencia.

Porem, na nossa missão de informadores, o bom dever é dar ao publico o maximo de esclarecimentos.

A esta audiencia, alem dos representantes dos jornais locais, assistiram tambem delegados da imprensa diaria de Lisboa, Porto e Braga.

As Festas da Cidade

Com a inauguração de varias obras municipais a que assistirão directos representantes do governo, coincide a importante visita do Povo e Imprensa do Porto. O programa festivo.

Mantendo-se cada vez com maior intensidade o entusiasmo do povo cittadino pela gentilissima visita da laboriosa população portuense, bem como da sua distinta Imprensa, o nosso Municipio procura conjugar as festas de inauguração de alguns melhoramentos de sua recente administração, evidando, nisto, o maior emprego de esforços para que o seu brilhantismo seja do mais surpreendente efeito.

A par disto é nossa convicção que, o povo barcelense, hoje como sempre, galhardamente corresponderá a todas as atenções que, com afectuosa simpatia, lhe fôrem tributadas. E, assim, temos como certo que, á recepção a fazer não faltarão as provas de gentileza transmitidas num carinhoso acolhimento com o embelesamento de colgaduras nas sacadas e distribuição de flo-

res durante a passagem dos illustres visitantes.

Afim de dar a esta festa o elevado realce a que tem já estabelecido o seguinte programa:

No domingo, pelas 9 horas, terá lugar a reunião do povo e colectividades barcelenses, no Largo da Camara, de onde seguirá, em cortejo, á estação do Caminho de Ferro, aguardando, aí, a chegada dos excursionistas portuenses.

Em seguida recepção no salão nobre do nosso Municipio onde os excursionistas receberão os cumprimentos de boas-vindas.

Das 11 ás 15 horas está franqueada a linda cerca do nosso hópital, tocando ali das 13 ás 14,30 horas uma banda de musica.

Ás 15 horas nova reunião do povo barcelense e excursionistas no Largo da Camara, de onde irão á estação do Caminho de Ferro

A' Margem Do Dia

Manejos monarchicos. Os seus actos de traição, os seus novos estatutos realistas e as suas tórpes habilidades. Violencias ecclesiasticas. Mussolini e o Papa; este, Maurrás e a «Action Française». Uma condenação da Igreja, e os seus dogmas. A Inquisição em pleno seculo XX. Aniversario da Republica. Solidariedade aos republicanos. Saudade pelos que morreram.

ESTAMOS, ao que parece, em vespuras de novos estatutos fundamentais das duas causas monarchicas. Manuelistas e Duartistas procuram organizar a sua lei basica no intuito de entreter a grey á espera que chegue a tal manhã de navoeiro em que, por entre densas nuvens tão densas como o embotamento dos seus cerebros, surja o novo Messias salvador.

Defendendo doutrinas tão antagonicas que, nas suas proprias bases se destroem repelindo-se como as electricidades de nomes eguaes, andam os monarchicos a entreter o luxo de ter ideias num meio que lhes é inteiramente adverso e numa epoca de progresso e avanço que já se não armonisa com o arcaicismo das suas teorias, por completo, desactualizadas.

Se o seu snobismo não fosse mais alem destas futilidades, tornar-se-hiam inofensivos e até dariam logar á celebração em revistas teatrais que, atravez do riso, lhe perpetuariam a memoria como perpetuada fica a do sr. Ferreira do Amaral por causa daquela ordem modernisadora de chamar á bebedeira *hethylismo*.

O grande mal, porém, é que estes inimigos da Republica, infiltram-se na sua acção administrativa, tomam posições, ascendem a logares de confiança e de que, em parte, está dependente a estabilidade do regimen, combstem os republicanos affectos ao governo, conseguem reintegrações, dizem-se amigos mas, acto-continuo, dão-lhe um apoio a praso, erguem vivas á mo-

narquia e distribuem pelos Quarteis, manifestos incitando á sua restauração.

A seu bel-prazer ensaiam uma situação que lhes dê ensejo a repetir a traição que fizeram ao ditador Sidonio Pais, formando depois o salto tigrino de insaciaveis chacais.

E são estes safados que antes preferem Afonso XIII que Afonso Costa, que defendiam, em «O Dia», a teoria do «quanto peor melhor», e que pretenderam negociar uma intervenção hespanhola em Portugal, que falam agora na sua palavra de honra?

«E o ambiente que crearam ao assassinato de Sidonio Pais?

«E a vergonhosa traição de Monsanto, ponto negro da sua deshonra, enodado pelo sangue de Sidonio Pais, das victimas do Eden, dos republicanos então presos e ferozmente torturados?

Os sintomas de reacção monarchica, ainda que *camouflados*, já não iludem seja quem fôr. Acautelem-se os republicanos, unindo-se na mesma fé de defesa pelo regimen.

Acabem as violencias contra republicanos que se não compreendem nem justificam nunca, mas principalmente, ante o perigo que se avizinha.

A Igreja, nas suas continuadas intransigencias, fez com que o Papa excomungasse os livros de Maurrás e a «Action Française», mostrando, assim, como condena as doutrinas integralistas.

E, ao mesmo tempo que se insurge contra o recrutamento de mulheres para a «milicia fascista» e calca os favôres recebidos de Mussolini, condena — como se estivessemos nos tempos de inquisitorial memoria — em Hespanha, Carmen Padin que é catolica, mas que se permitiu discutir a intangibilidades dos seus dogmas.

Isto, em pleno seculo XX é, extraordinariamente, fantastico...

Para não tirarmos ao horrivel crime de heresia, o seu verdadeiro cunho descritivo, transcrevemo-lo, textualmente, do periodico «Quotidien» onde um soberbo artigo do notavel jornalista Jean Callot, o relata assim: «Quem conhece a questão Carmen Padin?»

Em 17 de Setembro de 1925, Carmen Padin conversava na rua com algumas pessoas, deante da farmácia de Benavides, rua Afonso XIII, na cidade de Grove. Falava-se de religião. Carmen Padin, catolica, tendo assistido a algumas predicas protestantes, colhera ai ensinamentos que tinham alargado a sua interpretação das «Escrituras». Ela disse aos seus interlocutores que Jesus tivera irmãos e irmãs.

Imediatamente denunciada, foi entregue ao tribunal de Pontevedra. A acusação demonstrou que as afirmações da acusada constituíam um delicto público contra o dogma da Igreja romana, Igreja do Estado.

Por esse motivo, em 5 de Julho de 1926, foi condenada a dois anos e quatro mezes de prisão. Além disso foi condenada a pagar as custas

esperar alguns ministros do actual governo que veem assistir á inauguração do edificio escolar e obra da captação das aguas do rio Cávado, e para cujo fim se efectivará, no salão nobre do edificio, uma imponente sessão solene.

Ás 20 horas, na espaçosa sala principal do quartel dos nossos destemidos e bravos Bombeiros Voluntarios realizar-se-ha um banquete aos representantes do governo, a que assistirão as entidades officiais e os delegados da Imprensa de Lisboa, Porto e desta cidade.

Á mesma hora, e no Jardim Publico, efectuar-se-ha um interessante festival a-brilhantado por uma banda de musica.

Na segunda-feira os srs. ministros visitarão as obras de captação do Cávado, os principais monumentos da cidade e as casas de beneficencia e assistencia publica, findo o que retirarão para a capital.

ESCLARECENDO

Repelindo calúnias. Esmagando um detractor. Redução de um insidioso á sua insignificancia.

Em o semanario local «O Barcelense», ultimo numero, vem inserta uma carta assinada por Joaquim José de Araújo como comandante do C. V. S. P. B. (Bombeiros de Barcelinhos).

Nessa carta se esboça, por entre expressivas canalicões, uma tentativa de refutação áquilo que, num dos numeros deste bi-semanario, escrevemos sobre um incidente desenrolado num incendio numa casa da Fonte de Baixo, desta cidade.

As insidias de que vem repleta não causam extrañeza atenta a pouca educação e até a ignorancia e estupidez do bestunto em que foi gerada.

A contestação ao minucioso relato sobre o incidente em questão seria aceitavel desde que, feita em termos e em condições que nos não dessem a impressão de ter sido redigida pelo continuo da corporação barcelinense e assinada pelo referido comandante.

A fraseologia de que se serve, sendo duma miseravel baixaza, é, tambem, sobre o ponto de vista justificativo, duma pobreza e inferioridade de argumentos que denota a falha de razões aceitaveis e verosimeis.

Posto isto, necessario se torna dizer que, das referências aqui publicadas sobre o aludido incidente, nos limitamos a fazer o seu relato chamando, para o caso, a intervenção de quem de direito, sem qualquer especie de insidias e no intuito de evitar futuros conflictos com maiores e mais graves consequências que, por ventura, um dia possam dar-se.

E quando isto escrevemos foi mais até, talvez, no desejo de deixar consignada a nossa previsão, porquanto, urgente se torna firmar situações definidas para que, amanhã, as autoridades competentes, dado o caso que a tempo não intervinham, não possam alegar desconhecimento ou ignorancia.

Reportando-nos, de novo, á carta que deu lugar a esta resposta, salientemos que nela se diz, somente, procurar-se desmentir uma parte das nossas referências; quando valor teria se, esse desmentido, atingisse, por completo, todo o conteúdo da nossa noticia, visto que, nela, se fazem afirmações claras, evidentes, e que, agora, presumimos confirmadas, por não terem recebido qualquer contestação.

Mas o pômo da discordia consiste apenas na refutação da parte que diz respeito á prisão dum bombeiro de Barcelinhos pela G. Republicana, no momento em que se deu o questiona-

do incidente.

A justificar essa contestação vem publicado, no mesmo jornal, um officio do illustre comandante da Secção da G. N. R.

Todavia, insistimos em afirmar que, na verdade, assistimos bém, como varias testemunhas, a um gesto da parte duma praça da G. Republicana para com um bombeiro de Barcelinhos que, pela exteriorisação da sua attitude, nos deixou a nitida presunção de que houvesse sido preso ou detido.

E esta presumivel ideia obteve, mais tarde, uma ilucidativa confirmação prestada por varias pessoas que, da voz publica, ouviram a informação de que, de facto, tinha sido preso um bombeiro de Barcelinhos.

Na função de reportagem que ali nos levára e como nenhuma informação em contrario nos fosse prestada, sem qualquer intuito de reserva a transmitimos.

¿Poderia essa prisão ou detenção ter sido levada a efeito só na ocasião sem quaisquer outras consequências emergentes? Não contestamos.

De resto, da propria noticia aqui publicada se deduzia que se tratava dum serviço de uzual reportagem, em regra, sempre sujeito a rectificações.

Mas, mesmo que os factos se não tivessem passado da forma como os relatamos, isso mais não seria que um pequeno equivoco de reportagem facil de desfazer com uma simples nota de desmentido e sem amesquinhanças e ofensivas insinuações que só não atingem por partirem de muito baixo.

E esse desmentido, se exato fôsse, immediatamente o publicaríamos, pois, presamos-nos de nos sabermos conduzir, com honra e dignidade, sem receio algum, a consequências, e promptos a responder, pelos nossos actos, em qualquer campo em que responsabilidades nos fôrem legitimamente exigidas.

E assim, mantemos, na sua formal inteireza, aquilo que, ao relatar o aludido incidente, aqui escrevemos.

Mas o sinatario da incorreta como insolente carta, reconhecendo a verdade das nossas afirmativas, entre os varios e graves factos apontados, unicamente procura, com artificiosos estratagemas, contestar um, emolurando-o na retumbancia dos efeitos que reclama para o officio do comando local da G. N. R. de forma a querer deixar na penumbra todos os outros.

Isso, porem, é só para os papalvos.

Na noticia que então publicamos, citavamos diferentes fases do incidente, comprovadas agora pelo proprio autôr da carta, no silencio que sobre elas faz.

Não esperavamos, na realidade, uma tão rapida confirmação.

Felizmente veio ela ao nosso encontro, e, tambem, como factor de esclarecimento, para a opinião publica, surgiu sem o nosso pedido ou intervenção.

Não devemos qualquer especie de resposta ao signatario da carta publicada no «Barcelense», atenta a sua argumentação de merceeiro barato que nunca outra coisa devia ter sido pela sua flagrante escassez de condições. Porém devemo-la ao publico no espirito de quem não queremos que fique a menor duvida sobre a veracidade das nossas informações.

Como indispensavel esclarecimento declaramos que o signatario da carta mente aleivosamente quando afirma ter sido uma praça auxiliar da sua corporação recebido em termos obscênos por um dos bombeiros da nossa prestigiosa Associação de Voluntarios.

Este desmentido fazemolo devidamente autorizado pelos elementos a quem se atribue uma pequena troca de palavras que, de parte a parte, não ultrapassou os limites das boas regras de educação.

«A Opinião» sabe bem o lugar que ocupa no meio em que vive.

Possue a noção das porções e das responsabilidades, não havendo, jamais, levantado calúnias ou insidias seja a quem fôr; tanto que nunca, até este momento, foi chamada á responsabilidade, sendo certo que, ainda, presentemente, não receiando a consequencia dos seus actos, exige a levedos aos competentes tribunais.

Não aceita nem quer contemplações seja de quem fôr e, muito menos, de quem não possui autoridade moral para o fazer.

E' para notar que, no incendio que motivou esta polemica, foram os nossos Bombeiros Voluntarios os primeiros que compareceram no local do sinistro; e que, todos os conflitos até hoje registados, sempre tiveram origem na attitude atribiliaria, indisciplinada e até de inferioridade tecnica do C. V. S. P. Barcelinense, como, de resto, nunca deixou de ficar confirmado pela propria e bem conhecida incompetencia e incultura

do seu comando.

Por ultimo e para terminar, por hoje, devemos dizer que sempre nos limitamos a ser aquilo que os nossos modestos recursos nos dão direito a ser, sem jactancias nem ambições de ir alem daquilo que legitimamente podemos alcançar.

Outro tanto não succede ao signatario da carta em questão que, num arrojado filio da sua crassa ignorancia julgou poder atingir um ponto a que nunca pode chegar. De resto o comandante do C. V. S. P. Barcelinense é que sempre, e desde de um extremo ao outro da nossa cidade, foi conhecido como um cerebro ôco nunca dizendo senão verdadeiras baboseiras.

Nunca da parte dos simpaticos elementos que constituem o corpo activo da nossa Associação de Bombeiros Voluntarios houve o menor gesto de indisciplina, pois, todos eles, gosam do melhor conceito moral, e da sua attitude e conduta civica possuem os mais elogiosos documentos; outro tanto se não podendo dizer de varios dos componentes do C. V. S. P. Barcelinense, cujo registro criminal acusa factos menos edificantes.

Daqui facil é de deduzir até que ponto de cada uma destas corporações será possível esperar mais disciplina.

«A Opinião»

Serviços de administração

Cobranças

Avisamos os nossos amigos e assinantes, desta cidade e da provincia, de que estão em cobrança os recibos das suas assinaturas, até 30 de Setembro passado.

Como de costume, de uns e outros esperamos o obsequio de os liquidarem logo que lhes sejam apresentados, pelo que imensamente reconhecidos agradecemos.

Aviso

Inumeras vezes insistentemente temos pedido aos nossos presados assinantes das freguesias o favor de se não atrazarem no pagamento de suas assinaturas.

E' certo que, na sua maior parte, quasi todos teem correspondido a este pedido.

Outros ha, certamente por motivos contrarios á sua vontade que teem deixado atrazar demasiadamente o pagamento das suas assinaturas.

Ora isto causa-nos alem de enorme desarranjo nos serviços de administração, prejuizos incalculaveis.

Nós não queremos, de forma alguma, têr de chegar ao extremo de suspender o envio deste bi-semanario a estes ultimos assinantes, pois isso imensamente nos desgostaria.

Apelamos, por isso, para todos aqueles assinantes que se encontram em divida de mais de um ano, pedindo-lhe enorme obsequio de manda-

A Opinião

MANIFESTAÇÕES DE CARINHO. PALAVRAS DE AGRADECIMENTO. OS PROPOSITOS QUE NOS ANIMAM

O novo aspecto grafico e formato de «A Opinião» têm dado azo a que muitas pessoas se nos dirigissem com palavras e cumprimentos de afectuosa simpatia a pretexto dos melhoramentos introduzidos no nosso bi-semanario.

De tal forma nos sensibilizam as provas de gentil deferencia com que somos acumulados que não podemos deixar de afirmar — e agora de um modo publico — novo testemunho de gratidão.

Essa gratidão é tanto maior quanto é certo que, ás manifestações recebidas, devemos o estímulo para mais largos empreendimentos em vista.

Claro está que qualquer que seja o impulso, não é assim com rapida facilidade que se poderá transmitir. No entanto, satisfaz-nos a esperança de que á «Opnião» estão reservados horisontes vastos. Que o auxilio mental e material por parte de quem contamos, seja cada vez maior e mais animador e teremos então conseguido o almejado «desideratum». Oxalá.

Paquetes a sair de Leixões

No mez de Outubro

Dia 11—Vapor alemão «Gotha», para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 13—Vapor inglez «Denis», para o Ceará, Parnahyba, Maranhão e Pará.

Dia 15—Vapor inglez «Francis», para Liverpool.

Dia 17—Vapor holandez «Flandria», para a Corunha, Cherbourg, Southampton e Amsterdam.

Dia 17—Vapor inglez, «Darro», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 19—Vapor brasileiro «Pocóná», para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Dia 19—Vapor francez «Jamalque», para Lisboa, Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 19—Vapor alemão «Orontava», para a Madeira, Pará, Maranhão e Ceará.

Dia 21—Vapor holandez «Orania», para Lisboa, Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 22 Vapor alemão «Bayern» para o Rio de Janeiro, Santos, S. Francisco, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 23—Vapor inglez «Alban», para o Pará e Manaus.

Dia 26—Vapor francez «Ceylan», para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 29—Vapor inglez «Hildebrand», para Liverpool.

Dia—29 Vapor alemão «Wurttemberg», para Hamburgo.

Dia 29—Vapor francez «Amiral Rigault de Genouilly», para a Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaçuá e Rio Grande do Sul.

rem satisfazer os seus debitos, ou então avisarem-nos para lhes suspender o jornal caso não queiram continuar a sêr seus assinantes.